



MINHA VIDA NÃO DARIÁ UM ROMANCE: SERIA ACUSADA DE PLÁGIO.

Nova moda

## Libretomania à italiana

Ainda recentemente os libretos de ópera — e particularmente os dos melodramas do século passado — eram objeto de uma condescendência meio aborrecida, meio irritada, da parte dos intelectuais italianos. Por certo os libretos constituíam parte integrante de sua cultura e de sua literatura, mas ninguém sonharia em tomá-los a sério. Entusiasmam-se pelo *Rigoletto* ou o *Trovatore* a ponto de decorar todas as arias era bom para as classes populares, mas cantar "La donna è mobile", do *Rigoletto*, indicava seguramente uma baixa extração cultural.

A situação está mudando radicalmente. A difusão e o estudo do libreto da ópera italiana conhecem agora um momento privilegiado. Surgiu uma profusão de "libretólogos" que escreve teses, edita manuscritos e partituras, estabelece léxicos da linguagem da ópera lírica e publica textos célebres ou desconhecidos. Os libretos, indefesos, tornaram-se repertoriados, difundidos, dissecados, segundo critérios estruturalistas, semióticos, métricos, assonânticos, dialógicos etc.

Até os últimos anos, a principal fonte de informações sobre o libreto de ópera era uma velha compilação inglesa, *The tenth muse*, de Patrick J. Smith. Hoje, a diversidade é enorme. Entre os exemplos representativos: a antologia de três volumes da Einaudi consagrada aos libretos do melodrama do século XIX; a publicação integral dos libretos de Verdi e Puccini pela Garzanti; a publicação conjunta de *A dama das camélias* e do libreto de *La traviata*, que Francesco Maria Piave retirou do romance de Dumas.

(Extraído de um artigo de Guido Almansi, do *Libération*)

Experimentação I

## Uma holográfica sopa de letras

Letras de metal; um jogo de prismas e espelhos; um filme de altíssima resolução que grava até três mil linhas por milímetro (o filme comum grava cem linhas); um canhão de raio laser. Junte-se a esse aparato muita sensibilidade e se obterá um poema em terceira dimensão, ou melhor um holopoema.

O radical holo vem do grego *hólos* e significa "todo", "completo". Assim, o antigo leitor abandona a imobilidade do papel e ganha a condição de assistir ao poema, podendo, inclusive, passear em torno dele. A técnica holográfica, que permite fotografar qualquer tipo de objeto estático, foi desenvolvida na Hungria, em 1948, pelo físico Denis Gabor. A invenção do laser, em 1960 trouxe o aprimoramento e

a possibilidade vanguardista de se fazer poesia com ela. No Brasil, a dupla constituída pelo paulista Fernando Eugênio Catta Preta e pelo carioca Eduardo Kac é precursora da holopoesia. Ambos se responsabilizaram pela mostra de holopoesias ocorrida durante o mês de agosto no Museu da Imagem e do Som, em São Paulo.

O primeiro poema da dupla nasceu em 1983. Seu nome é *holo-olho* e sua história é narrada por Kac: "O anagrama foi fotografado cinco vezes. Depois criei uma espécie de *holocollage*. A imagem pseudoscópica é o avesso da imagem que reproduz o objeto assim como foi holografado".

Formalmente, a holopoesia se afasta da prolixidade, preferindo a "palavra-conce-

ito" Kac, que se confessa influenciado pelo concretismo, sentença: "Definitivamente, um holograma não é o lugar onde os caudalosos e retóricos poetas versejadores podem deixar escorrer seu lírico prosaísmo oratório. A holopoesia foi concebida em prol da condensação anti-retórica e pela criação de um sintaxe e semântica perceptuais."

Catta-Preta vislumbra para o futuro grandes tiragens de holopoesias em decalques, obtidos através da matriz holográfica. Até lá, o holopoema terá o valor de obra de arte: uma peça original custa, hoje, em torno de 10 milhões de cruzeiros.

Ângela Pimenta

Experimentação II

## O romance a 66 mãos de Renato Pompeu

O escritor e jornalista Renato Pompeu é o Professor Pardal brasileiro das invenções literárias. Depois da criação do "multiconto" — uma história escrita em videotexto onde o leitor/espectador modifica o destino dos personagens acionando os botões de um teclado e dando o tom da narrativa que mais o agrada — ele lançou, no finalzinho de junho pela editora Klaxon, um romance coletivo.

Um dia no Brasil é uma experiência literária inédita. Trata-se de um romance escrito por 33 autores novos das mais distintas idades e profissões. Os autores tomaram conhecimento do projeto através de uma notícia publicada no *Folhetim da Folha de S. Paulo*, no segundo semestre de 82. Cada qual escreveu a sua história transcorrida num dia que começa às 5h30

e acaba 24 horas depois. Renato Pompeu juntou os textos enviados de maneira que eles pudessem interpenetrar-se. Não houve qualquer seleção prévia para a publicação dos originais e nem foram feitas correções gramaticais ou alterações no estilo.

No dia 12 de julho, foi realizado um debate aberto ao público sobre o livro idealizado por Renato no auditório da *Folha*. Além dele, participaram o escritor Ricardo Ramos e o historiador Nicolau Sevcenko. Discutiu-se principalmente duas questões: a viabilidade de uma obra de arte coletiva e o seu valor como ficção.

Sevcenko apontou nesse debate a importância de um processo que está havendo na literatura desde o século passado, onde o autor vem perdendo o monopólio do texto e da visão. O precursor dessa

idéia, disse o historiador, foi Dostoiévski, que através da polifonia, introduzia na história as visões diferentes dos vários (e não apenas "um") personagens centrais. Os heterônimos de Fernando Pessoa constituíram o segundo passo nesse processo. Pessoa se fazia substituir por quatro "pessoas" inventadas por ele. Entre nós, foi Renato Pompeu quem deu mais um passo avante, talvez até o mais radical: o livro é de sua autoria, mas ele somente faz a "costura" entre as narrativas.

Dependendo do resultado da experiência brasileira, o autor lançará outro romance, onde diversos escritores contarão um dia nos seus países de origem. Um dia no mundo.

Lina de Albuquerque

# EMW EDITORES. UMA NOVA OPÇÃO EDITORIAL

O FANATISMO DE EXTREMA DIREITA



208 pgs. Cr\$ 29.900

De José Antônio Pedriali. A TFP pela primeira vez tem seus segredos revelados. O principal deles: a TFP quer destruir a sociedade moderna, acabar com o comunismo e instituir o Reino de Maria, baseado nos princípios medievais e sob o comando de seu profeta e santo, o pensador católico de extrema-direita Plínio Correa de Oliveira, considerado eleito por Deus e imortal.



A REVELAÇÃO DO ANO

128 pgs. Cr\$ 17.900  
De Eustáquio Gomes. Um folhetim hilariante, erótico e crítico sobre a falência do Império e o surgimento da República. A incrível história de uma baronesa louca de amor e luxúria. Sexo, pimenta, muita irreverência, política e comédia num livro que a crítica saudou como um dos melhores lançamentos do ano. Para Fausto Cunha, Eustáquio atinge por vezes "a finura de um Machado de Assis".

UMA GRANDE CURTIÇÃO!



De Dagó Marquezi. Anos 70, Universidade de São Paulo. Estudantes querem derrubar a ditadura militar. Agentes da KGB, russos corcundas, trotskistas transando maóistas, um torturador que se apaixona pela torturada no som de um rock de Frank Zappa, um coelho maluco, um boi a jato. Irreverência, loucura, uma saudável crítica às fantasias da esquerda e da direita nos terríveis anos 70. 192 pgs. Cr\$ 24.900

GRANDES LIVROS SOBRE GRANDES TEMAS

EMW EDITORES

Rua Abílio Soares, 732  
CEP 04005 - São Paulo - SP  
Tel. (011) 485-1686

Não encontrando estes livros na sua livraria preferida, solicite pelo Correio, enviando vale postal ou cheque visado para a Caixa Postal 2025 CEP 01051 - São Paulo-SP